

"Não é Solidão, é Autonomia": Claudia e a reinvenção do destino amoroso, um estudo interseccional

Tamires Coelho Marinho (PPGA UFC/UNILAB) tamires-marinho@outlook.com

RESUMO

O presente texto, parte de uma dissertação de mestrado concluída em 2025, teve como objetivo analisar as dinâmicas afetivas e amorosas de quatro mulheres negras, investigando como os sofrimentos nesse campo as atingiam e como elas significavam suas próprias histórias. A partir do estudo de caso detalhado de Cláudia — uma mulher negra, gorda, heterossexual, — a pesquisa utilizou a interseccionalidade para examinar as conexões entre suas experiências familiares, a descoberta tardia de sua negritude, os traumas de relacionamentos passados e sua reconstrução subjetiva. Criada em um ambiente marcado por racismo internalizado, cobranças estéticas gordofóbicas e uma educação de gênero repressiva, Cláudia inicialmente vivenciou uma solidão paralisante após um relacionamento abusivo. No entanto, através do acesso ao ensino superior (onde desenvolveu consciência racial e feminista) e de um processo terapêutico com uma psicanalista negra que compreendia seus marcadores sociais, ela passou por uma transformação significativa. Cláudia ressignificou suas memórias, construiu autoestima, reivindicou sua liberdade sexual e passou a estabelecer limites, recusando relacionamentos que exigissem sua submissão ou que a tratassem de forma violenta ou secreta. A pesquisa conclui que, embora a terapia não possa erradicar o sofrimento estrutural causado pelo racismo, sexismo e gordofobia, um atendimento em saúde mental interseccional pode ser instrumental para que mulheres negras desenvolvam autonomia, resiliência e novas narrativas de si, transformando a solidão potencialmente paralisante em uma posição ativa de autoproteção, autovalorização e liberdade. O caso de Cláudia ilustra como a superação de traumas amorosos está intrinsecamente ligada ao processo de reconhecimento e enfrentamento das opressões de raça, gênero e corpo.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Saúde mental, Afetos, Identidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto, compõe em partes a dissertação de mestrado de pesquisa concluída em 2025, que tinha por objetivo acompanhar a trajetória de quatro mulheres negras, em relação às suas dinâmicas de afeto, desde a rede afetiva familiar, à sua vivência no campo amoroso. Nosso problema de pesquisa, era o de pensar como os sofrimentos do campo amoroso atingiam mulheres negras, e acompanhar ainda, como estas mulheres significavam para si mesmas suas histórias. Cabe ressaltar, que a pesquisa foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas,

e que todas as participantes eram ex pacientes do meu trabalho com terapia clínica em Psicanálise; de modo que, o assunto “terapia” e até mesmo a forma de narração das interlocutoras guarda ressonâncias dessa relação pregressa.

Tendo em conta que nossas interlocutoras foram mulheres negras, de diversas orientações sexuais e de gênero, vários outros temas foram por elas levantados, desde o racismo, violências, situações de preterimento nos relacionamentos amorosos, homofobia, etc, o que nos levou a utilizar como método a Interseccionalidade, no caso presente, levantando questões ligadas a gênero, raça e subjetividade.

Outra observação importante é que as entrevistas foram feitas com quatro interlocutoras, aqui, discutiremos apenas um dos relatos em questão, de modo a compreendermos a teia que se estabelece entre os afetos desenvolvidos e testemunhados no seio familiar, que se ligam e permeiam a vida amorosa posterior, e como o desenvolvimento de um saber sobre si, pode subjugar um trauma passado, e construir uma história que não repete o destino antes tido como certo e natural, mas que escondia enormes sofrimentos no campo da vida amorosa.

Todos os nomes citados, exceto o da pesquisadora, são fictícios, a entrevista em questão foi realizada mediante a assinatura de um termo de consentimento acerca da divulgação das informações aqui reveladas.

2 Claudia: sua história, e as primeiras cicatrizes

Claudia surgiu na minha clínica em 2021, ainda em período pandêmico, ela havia chegado a mim através da indicação de uma colega que já fazia terapia comigo, ela buscava terapia para lidar com um trauma de relacionamento: Claudia vinha de uma relação que acabara de forma muito traumática para ela, sua autoestima havia sido muito abalada por esse rompimento, que à época, já tinha dois anos; e ela era celibatária desde então, por se sentir uma pessoa pouco atraente, evitava bastante o contato sexual, embora isso claramente fizesse falta a ela e causasse bastante sofrimento.

Claudia foi uma das minhas pacientes mais promissoras, e mudou muito radicalmente ao longo de seu processo terapêutico, arrisco dizer, que guardadas as restrições que a profissão me impõe, era uma das minhas “pacientes preferidas”, acompanhei-a por uns 3 anos, sem muitas pausas. Quando propus entrevista-la, foi muito solícita e feliz em contribuir com a pesquisa, ela estava encerrando um ciclo de terapia comigo, e aproveitei para convidá-la.

Esta entrevista foi gravada em duas etapas em abril e maio de 2024, por videochamada, pois a interlocutora à época morava em outro Estado. Claudia tem 33 anos de idade no momento da entrevista, solteira, sem filhos, é formada em Serviço social, e se autodeclarou uma mulher negra, gorda e heterossexual.

Foi criada pela mãe e a avó, seu pai se separou de sua mãe quando ela tinha 8 anos de idade, ele era estrangeiro, ele foi embora levando um de seus irmãos, ficaram ela, e mais um casal de irmãos mais novos. Sua infância foi muito marcada pela obrigação de cuidar desses irmãos, sempre teve uma relação muito ruim com sua mãe, por diversas razões.

Cláudia, teve um convívio muito difícil com a família, tinha sua autoestima condicionada a serviços prestados à sua mãe e avó, era constantemente criticada em relação ao padrão estético exigido para uma mulher, sempre com a ameaça de que “Nenhum homem deseja uma mulher gorda e feia”. Além disso, frequentemente foi cobrada por estar solteira, entendida pela família quase como uma “mulher incompleta”, que não se realizou. Mas, ainda que fosse cobrada por ser solteira Claudia também não via nos relacionamentos da mãe e da avó, o “relacionamento ideal”.

Claudia

Acho que é muito difícil você ser criada tendo relacionamentos desse molde como exemplo em casa. (Do relacionamento da avó com o avô, que segundo ela era muito patriarcal)

Sempre me fez pensar assim, que era bem oposto do que eu queria ter na minha vida. Mas ao longo dos anos eu fui vendo, o quanto que isso me deixou insegura, e me dá muito medo ainda de me relacionar. E me relacionar depois desse tempo, meu Deus. É muito fácil você estar num relacionamento abusivo, o abusador, ele não tem uma cara certa né. E eu vejo o emaranhado de coisas.

Minha mãe já passou por um relacionamento abusivo com meu padrasto, eu fico caralho, como é fácil você acreditar nessa teia sabe? De você estar num relacionamento e não conseguir mais sair, de repente você tem um filho, e tem mais outro filho. Eu sinto muito receio. Às vezes eu fico enxergando, esses relacionamentos, da minha mãe, da minha irmã, e que eu já tive. Assim, eu acho que eu tive uma coisa mais fácil de sair, mas, por exemplo, minha irmã, eu já tive que ir na delegacia com ela porque tinha um cara ameaçando expor nudes dela. Então assim esse tipo de coisa, nem tem um relacionamento que eu considere assim saudável sabe, muito difícil. A família toda, tem, tudo o que eu não quero pra mim, tudo o que eu não quero fazer.

Em relação à sua infância, Claudia fala bem pouco, mas deixa algumas informações interessantes sobre essa função relegada a ela, de cuidar dos irmãos. Além do mais, na graduação em Serviço Social, Claudia viveu algo muito recorrente no território cearense, que é “descobrir-se negra”, o que a fez reinterpretar suas experiências anteriores, de modo a integrar a noção de raça, à diversas memórias. Para ela, a função “babá dos irmãos” é diretamente ligada à sua negritude, pois estes eram mais claros que ela, a única negra entre os três, essa sensação

de aparente inferioridade, lhe era remetida, como uma conformidade com sua aparência, que ela interpreta à luz das formas de exploração de trabalho infantil e doméstico muito disseminadas no Ceará, de “adotar-se” uma menina de família humilde, com promessas de cuidar como filha, mas que no fim, acabava-se por mantê-la em trabalho doméstico não pago, em alguns casos para o resto da vida. A própria Claudia fazer esta ligação, importa para entendermos como ela se sentia na vida familiar, como alguém que era tratada como uma serviçal doméstica da família, à disposição da mãe e da avó.

Claudia

É muito difícil porque, todos os meus irmãos são brancos.

Só comecei a dar conta depois de muito tempo, depois de adulta. Até então eu era morena, né? Morena cor de jambo, como minha avó chama.

Até então, eu era morena clara, eu era tudo menos negra. Hoje em dia, se digo pra minha própria mãe que eu sou negra, ela fica em choque. Ela não aceita e até pra mim é difícil às vezes dizer que eu sou negra, porque as pessoas ficam olhando pra minha cara como quem diz, não, você é clara, eu sei que não sou Pelé, mas eu sou uma mulher negra, eu tenho uma pele clara sim, mas tenho todos os outros traços.

Quando eu comecei a perceber as micro coisas micro violências que eu já vivi, tipo, eu lembro nítido de eu sair com os meus irmãos e alguém perguntar se eu era babá dos meus irmãos

Não; isso de me enxergar como babá, como aquela menina que vem do interior, né? Aquela menina negra que vem do interior para cuidar da casa de família, para trabalhar em casa de família. É, é uma coisa que foi muito presente na minha vida. Não era assim na década de 1990, 90 e pouco? Eu ainda via muito isso. Já cheguei a ver muito isso na minha infância.

Então eu só consegui perceber essa questão da raça muito tempo depois e muito tempo depois eu comecei a lembrar das coisas e me tocar do que era aquilo, acho que aquilo ali era racismo.

Acho que aquilo ali era uma, determinação que as pessoas achavam que eu era babá, porque eu não era branca como os meus irmãos.

Aí você perceber isso em 20 e poucos anos, 22, 21 anos da faculdade, eu fui perceber isso na faculdade.

Eu ainda não tinha, essa percepção, né? Eu sou formada em Serviço Social. E aí na faculdade eu comecei a participar de vários debates, ler muitas coisas, escutar muitas coisas e participar de muitos movimentos. Até eu começar a entender que aquilo ali passava por mim também, né? Aquilo ali também me alcançava.

Claudia era vítima de racismo, segundo ela mesma, pela própria família, quando ela se afirma negra para essa família, tem sua identidade negada, como se a exposição desta consciência por parte dela, também afirmasse que ela compreendia as injustiças contra ela enquanto racismo; o fato que deve ser sempre desmentido. Quando relembramos a tese de Lélia Gonzalez, sobre o racismo não só ser sintoma, que requer negação e repressão; mas produzir o mito da democracia racial para desmentir a existência do racismo, podemos compreender a alegação que vem da sua mãe, e de outrem que a consideram “clara” demais para ser negra (GONZALEZ, 1983/2021). Em outras palavras, se nega a negritude de Claudia, usando ainda a tese da mestiçagem: “Você é clara”; como uma oportunidade de apagar o teor racial das

diferenças de tratamento entre ela e os irmãos, fato que ela relaciona diretamente a ser a única negra entre os irmãos, corroborado por ser confundida com uma babá, e não como irmã, nem mesmo parente.

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação*, traz em sua pesquisa, o relato de uma outra mulher negra, que também tinha sua identidade negada sempre que a afirmava diante de uma certa amiga branca, a autora mobiliza também o conceito da negação ao explicar a operação simbólica de tal negação.

(...)o processo de invisibilização do visível. Quando Alicia revela sua própria realidade como uma mulher negra para sua amiga branca, a amiga, de súbito, reage dizendo que Alicia não é negra. O que era visto de repente se torna invisível. Alicia é inesperadamente fantasiada como sem cor. Essa repentina incapacidade de ver “raça”, uma vez que esta é mencionada por aquelas/les marcadas/os como racializadas/os, parece se relacionar a um mecanismo de negação massivo, no qual a negritude é apenas admitida na consciência em sua forma negativa “Eu não acho que você seja negra!”(...) Quando ela revela sua inquietante realidade de mulher negra, a ela é, no mesmo momento, dito que sua negritude não é significativa. (KILOMBA, 2021, pp. 145-146)

A internalização da negritude, e sua defesa por parte de Claudia, ressignifica o passado e o presente. O Ceará é um estado que historicamente lutou muito para embranquecer a população, apagar a herança dos negros que aqui viviam, e que usa a mestiçagem da população, para equiparar apenas ideologicamente, brancos a pardos, que são ensinados desde muito jovens, a negarem a negritude, alguns chegam a tomar como ofensa serem chamados de negros. Para Claudia, esta descoberta, na verdade a libertou de muitos traumas, no sentido de compreender que a verdadeira problemática não estava nela em si, mas no racismo, a fez compreender de outra maneira as situações vexatórias pelas quais ela se culpava, e se entristecia.

Cláudia, passou por uma educação muito severa também em relação aos códigos de gênero para mulheres, e acredita que isto a influenciou bastante, até que acessou o ensino superior, e lá descobriu uma possibilidade de ter alguma autonomia.

Claudia

A minha educação assim, não formal, me ensinou, me adestrou para essa coisa, me adestrou para a roupa que eu devo usar, o meu comportamento. Lembro muitas falas, da minha avó, da minha mãe, dizendo que se eu não me ajeitasse, agindo de uma maneira mais contida mesmo, ninguém ia gostar de mim. Assim, que isso não era o comportamento de moça, que eu tinha que me resguardar mais, que eu não podia falar palavrão. Enfim, eu fui muito adestrada a isso e por muito tempo essa era a única verdade que eu sabia que existia, nesse controle.(...)

A minha independência como mulher, minha autonomia e nada do que eu faço vai me desqualificar de alguma forma. Eu só tenho forma diferente de ver, que outras

pessoas e está tudo certo. Mas eu tive essa virada assim na faculdade, porque eu fui castrada assim em casa.

Roupa, ação, palavra, comportamento, tudo era muito preso. Não pode aquilo, não pode dizer isso. Isso não é de mulher, mas hoje eu sei que tudo é de mulher... E eu comecei a ver que isso tudo não era verdade.

Mas foi muito difícil, porque foi uma quebra muito grande desta construção, que eu estava vivendo há 2 décadas, não é? É 20 anos pensando de um jeito, tá?

Interessante o termo *adestramento* empregado pela interlocutora aqui por três vezes, afinal, um adestramento pressupõe um mestre que adestra, que treina; e geralmente, é um termo usado para nos referirmos ao treinamento de animais, para “educar o selvagem”, depois, o termo *castrada* é utilizado, que também possui laços com a vida animal no sentido de fazer controle sobre o corpo, sobre a sexualidade, castrar também é um termo que denota uma mutilação desse corpo. Sua educação parece ter para ela o aspecto de que, tanto a mãe quanto a avó, lhe julgavam animalizada, e agiam para civilizar esse corpo, ou melhor dizendo, colonizar esse corpo.

Ela reitera muitas vezes o quanto esses padrões dos relacionamentos familiares foram perigosos na sua jornada de vida, o quanto eles a influenciaram suas ideias e sensações acerca dos vínculos amorosos.

2.1 A queda e a retomada do destino

Passando ao conteúdo propriamente amoroso de Claudia, falaremos do relacionamento, que a levou à terapia em 2021, até o momento da entrevista ocorrida em 2024, seu último relacionamento. Eles namoraram um tempo, e chegaram a morar juntos, numa cidade do interior, onde ambos haviam passado em concursos públicos. No tempo em que moraram juntos, Claudia passou a ter uma rotina de trabalho que não havia antes, e ganhou peso, o que para seu companheiro representava algo muito grave. Eles se separaram, mas o ex não a deixava completamente, e sempre a procurava por sexo casual após o término do casamento; isto mantinha Claudia permanentemente vinculada a ele, sem o compromisso de uma relação estável, mas dava a ela esperanças de reatar a relação, o que nunca ocorreu. Após o fim da relação, com ela abandonando a vaga do concurso por não aguentar mais estar sempre à disposição dele, ela retorna a Fortaleza, e fecha-se por completo da vida sexual, por bastante tempo, até o início da terapia.

Claudia

Eu só tinha relação com ele. E depois que a gente terminou ainda fiquei um ano e meio ficando com ele também. Eu fiquei 6 anos e meio transando com a mesma pessoa e depois foi muito difícil porque eu não conseguia estar com outras pessoas. Era muito travada assim, era muito, era muito traumatizada. Eu, eu me sentia, tinha muito problema com a minha autoestima, com o meu corpo, então eu demorei muito a ter relações com outras pessoas.

Mas foi bem difícil assim, e o meu último relacionamento também me deixou bem traumatizada porque foi um relacionamento de muito apego e quando acabou o meu ex me trazia muito, perto dele. Ele não queria mais namorar. Ah, mas queria sempre estar transando comigo porque era confortável, porque era um sexo de casa, porque, enfim, quando ele estava carente, sozinho, ele me trazia pra perto dele para ter isso. Teve coisa boa, mas teve muita coisa difícil assim, que me mostrou muita coisa.

Depois eu consegui superar, assim que eu consegui virar algumas chaves. Consegui ter outras relações e tal até chegar hoje no patamar que eu estou, que é, entendeu? Não, não tenho nenhum problema em sexo casual, faço e me relaciono com pessoas. E quando eu vejo que é só sexo, eu não tenho problema com isso também.(...)

Chegar ao orgasmo hoje é muito mais fácil para mim, porque eu consegui entender, muito mais o meu corpo do que antigamente. Antigamente eu era muito travada ou dependia muito da outra pessoa, né? Enfim, a gente vai amadurecendo e vai conhecendo a gente.

Claudia passou mais de dois anos sem se relacionar com ninguém, e focou todas as suas energias no trabalho, mas se privar de viver sua sexualidade lhe causava muito sofrimento, ela sentia muita vergonha de si; e as humilhações passadas com o ex, a deixaram extremamente ferida, por conta disso, em várias passagens Claudia comenta as vantagens de conseguir ter sexo casual sem problemas. Isso representou pra ela um ressurgimento de si na cena amorosa de sua vida, e dependeu também de certa mudança em relação ao conceito de amor. Claudia se via como uma mulher muito romântica, incapaz de “entregar-se sem amor”, era este o mandamento que a proibia de se envolver com outras pessoas, e por outro lado, se via como alguém que não atraía as pessoas para o amor, mas sempre era vista como “uma boa amiga”, além de ter uma preocupação muito forte com sua aparência.

Claudia

Porque eu sempre fui muito apegada a essas coisas do romance, eu sempre fui muito romântica. Sempre. Muito idealista nesse nessa questão, sabe? Eu fiquei muito tempo namorando, então pra mim era o sexo sempre vinha junto com a paixão, com amor.

E aí foi muito disso, assim, entender que eu que eu consigo ter relação sexual com a pessoa sem necessariamente ter nenhum tipo de relação afetiva com ela, foi muito importante para eu perceber que eu posso, enfim, viver outras coisas que não dependam de estar num relacionamento, por exemplo.

O romantismo que impedia Claudia de viver relações casuais, é também parte do que a cultura nos apregoa a partir da perspectiva do amor romântico. Essa perspectiva é veiculada por muitos meios, desde filmes, músicas, novelas, livros, ideais do senso comum da sociedade, etc. Como já disse Monique Wittig, é aquilo que “vai sem ser necessário dizer”; trata-se de uma tecnologia de gênero, no sentido foucaultiano, que promove a ideia que beneficia as estruturas sociais do patriarcado, uma pedagogia dos afetos, que direciona desejos, emoções e comportamentos de mulheres. (WITTIG, 1992/2022)

Cláudia, conforme comentado antes, traz muitos exemplos de situações em que sua condição estético-física, enquanto mulher negra e gorda, surgem como fatores de exclusão afetiva, cenas de violências simbólicas.

Claudia

Sinto muito preconceito em relação ao meu corpo. Eu lembro, nítido, de eu comendo com medo; de eu estar no restaurante comendo, e meu ex olhar para mim e dizer assim, “está bom, né? Você vai botar mais comida no seu prato?”

E aquilo me deixou muito puta. Daí eu dizer assim, “eu não como mais com você, não saio mais para comer com você. Se for para ficar desse jeito, eu não saio mais.”

E eu senti uma, eu senti nossa senhora, uma violência enorme. (Demora um tempo e recomeça a falar). Ele pedia, ele falava de eu emagrecer. Tipo, “ai, queria só que você voltasse ao peso de quando a gente se conheceu.” Eu tipo, “cara, sai dessa. Eu tomo anticoncepcional. Eu tenho outra vida. Agora eu vou voltar ao peso de quando eu tinha 21 anos de idade?”

Por eu ser uma gorda, por eu ser uma mulher negra, por eu enfim ter um comportamento é dito masculinizado, né? Eu não sou, eu não sou feminina também não sou, eu não me eu não me boto em padrões do que é dito ser feminino.

Bem mais molecona assim, eu sou bem mais incisiva, sou bem escrota também, eu consigo ser bem escrota quando necessário. E não é isso que as pessoas esperam, esperam um comportamento mais submisso. E eu não sou padrão de corpo, não sou uma mulher magra, sou uma mulher gorda.

Tem o meu corpo, tem o meu jeito e acho que isso não é algo que homens gostam de estar sendo vistos, né, de estar com uma pessoa dessa ao lado.

A questão estética, é muito influente no caso de Claudia, ela nos aponta bastante para o fato de que a aparência dela influencia nas suas relações, havendo aí um duplo preconceito: o racismo e a gordofobia. Neste âmbito, comparece o corpo como capital simbólico do chamado “mercado matrimonial”, qualquer aspecto corporal que abale as expectativas de um corpo padrão, magro, branco, com certas características valorizadas, é tido como “desvalorizado”, Valeska Zanello, importante teórica acerca do amor na contemporaneidade brasileira, nos dá algumas direções acerca desse fenômeno.

A aparência feminina também começou a ganhar vulto como capital matrimonial, ou seja, passou cada vez mais a se relacionar com a conquista amorosa. O ideal que a mediava já possuía fortes marcas racistas (como a necessidade de esconder o cabelo “pixaim”), e receberá acréscimos nessa configuração no começo do século XX, com a crescente e lucrativa indústria da beleza. (ZANELLO, 2018, p. 71)

Ainda na esteira do mesmo assunto, Claudia detalha outras dificuldades que encontra ao tentar relacionar-se com homens, parece haver um forte descontentamento na fala dela, em relação às expectativas dos homens com quem se encontra, eles desejam uma submissão que Claudia não está disposta a performar, ou quando não, desejam terem relacionamentos com ela, mas apenas se for sigiloso.

Claudia

Olha. Tive 3 namorados, 2 duraram 6 meses e um durou 5 anos. Depois disso, eu nunca mais namorei. Eu já estou solteira há quase 8 anos. Não tenho relacionamentos, há muito tempo. Não construí. Eu percebo muito sobre o que as pessoas pedem de mim, o que as pessoas tem solicitando de mim para que eu tenha um relacionamento.

E o que as pessoas querem de mim para que eu tenha um relacionamento, eu não estou disposta a dar, né? Que essa certa submissão ou, enfim, mudar alguma coisa em mim para me adaptar e entrar em uma caixa. Eu não quero. Eu quero estar num relacionamento porque a pessoa gosta de mim como eu sou, não que eu tenha que me adaptar ao emagrecer, mudar o cabelo, estilo de roupa ou fazer qualquer outra coisa pra estar num relacionamento. Não, não vou. Eu sou assim.

Já, teve muita gente que quis manter algumas coisas assim. Um menino que só queria me beijar, só queria ficar comigo escondido dos outros.

Eu disse, estou fazendo o que? Tô roubando? Tô matando alguém pra tá passando por isso? Ele, “Ah, mas é porque é complicado.” O que que é complicado? Você ficar comigo na frente das pessoas, as pessoas verem que você está ficando com uma pessoa que não é padrão dos relacionamentos que você fica?

Aqui, e nos trechos que mostrarei adiante, tem um tema que considero particularmente interessante: os relacionamentos hétero estão cada vez mais difíceis, para muitas mulheres. Existe inclusive, um fenômeno denominado heteropessimismo, um sentimento de desânimo ou descrença das mulheres heterossexuais com o amor. Outras menções são encontradas sob o nome de *estudos críticos da heterossexualidade*, encontramos fontes disto em (BASTOS, 2024) onde o conceito é debatido a partir da série de grande sucesso internacional Fleabag, no qual, uma mulher hétero, vive e ironiza as situações vividas com parceiros amorosos homens cis, e todas as dificuldades que isto envolve. Traremos aqui, uma breve definição do termo, dada por outra de nossas fontes para o fenômeno, Indiana Seresin:

Heteropessimismo consiste em desfiliações performativas com a heterossexualidade, geralmente expressas na forma de arrependimento, constrangimento ou desesperança em relação à experiência heterossexual. O heteropessimismo geralmente tem um forte foco nos homens como a raiz do problema. O fato dessas desfiliações serem “performativas” não significa que sejam insinceras, mas sim que raramente são acompanhadas pelo abandono real da heterossexualidade. (SERESIN, 2019) (tradução livre)

As diferenças entre as percepções ideológico-políticas, além das de raça, classe e gênero é um fator importante neste fenômeno, há notícias de vários países do mundo em que mulheres já recusam qualquer envolvimento amoroso-sexual com homens hétero. Na atualidade, há pesquisas como as de Jane Ward em *The tragedy of the heterossexuality* (2020), que apontam o crescimento do conservadorismo, principalmente entre homens heterossexuais, enquanto, entre as mulheres, há um avanço das pautas feministas e de liberação sexual, de gênero. Tal desacordo entre perspectivas de vida, e expectativas para um relacionamento, levam a um tensionamento nestas relações, (REIS & BASTOS, 2023)

Aqui, ela falava sobre a duração média dos seus relacionamentos:

Claudia

Ah, eu estou no aplicativo, conheço alguém do Instagram ou algum amigo de amigo, mas hoje em dia eu estou mais nesses aplicativos assim, tava no tinder, agora eu estou no Bamble, e aí você vai conhecendo a pessoa da match, conversa mais uma vez, depois nunca mais fala.

Devo ter ficado no máximo 2 vezes com a mesma pessoa. Mas nada, nada vai assim, nada vira, nada, nada vira um relacionamento, nada vira. Nem aquele, aquele famoso PA¹, né? Não, não vem assim. Mas é isso.

Tamires

Você tem algum palpite do porquê ou você também não está a fim de evoluir essas relações?

Claudia

Ah, eu acho que é da imaturidade. Antigamente eu pensava muito que era um problema meu. Eu não estou me encaixando e tal, mas na real, ultimamente, conversando com minhas amigas assim, as minhas amigas mais próximas e as experiências delas são as mesmas. Ou é aquele garoto que acha que é adolescente, que tá querendo uma mãe... Não tá querendo um relacionamento como companheiro, tá querendo uma segunda mãe. Ou é um cara de 40 anos, recém divorciado, e tá vivendo uma adolescência tardia, e ninguém quer compromisso, ninguém quer assumir responsabilidade efetiva, nada. E se você manda mensagem no outro dia, as pessoas, acham que você está emocionada, “ó, olha lá, manda mensagem, está emocionado, já quer casar comigo...”

É uma insegurança ou imaturidade deles? Eu fico, “Não quero perder meu tempo com isso”, então eu transo, pronto foi gostoso e tal; mando mensagem ou falo, no dia seguinte, a depender da resposta da pessoa, vamos ao próximo.

Diante das problemáticas que Claudia trouxe, a questioneei sobre seu futuro no campo amoroso, nas perspectivas de casamento e/ou desejos que ela tem para esse campo da sua vida. Achei importante destacar, que ela nega desejar casar, e não enxerga isto como uma expressão de solidão, mas de autonomia, de liberdade. Em geral, nessa temática de relacionamentos e mulheres negras, a solidão é um tema muito recorrente, e por vezes, pode deixar a impressão de que, de fato, as mulheres negras só podem ser felizes se estiverem num casamento, o que Claudia, demonstra não ser verdade.

Claudia

Não sei. Antigamente eu queria muito. Antigamente eu pensava muito nisso, de ter um companheiro, casar e tal. Mas hoje em dia eu me vejo muito, muito só. Mas não é uma perspectiva de solidão, mas de autonomia. Eu, eu, eu nunca mais fiz esse tipo de plano, antigamente eu fazia muitos planos assim, tipo, Ah, eu e essa pessoa, quando essa pessoa existir e tal blá, blá, blá, mas hoje em dia...

(...)Eu me enxergo muito nessa perspectiva de estar só, mas de estar tranquila, sabe? E não, não ter namorado, já me perturbou muito, mas hoje em dia não me afeta tanto.

Eu não sou hater de casamento. Eu acho que casamento é maneiro, é legal quando você encontra uma pessoa. Eu não acho que também é pra sempre, porque eu acho que nada é pra sempre. Eu sou daquela, que seja eterna enquanto dure, mas. Assim, eu acho que são acordos, né? Sempre em acordos, você sempre deixa alguma coisa, você sempre abre mão de alguma coisa para ter outra, né, quando você está numa

¹ Gíria para parceiro habitual de sexo casual, “pau-amigo”.

relação. Eu acho que casamento é legal, acho que acho que se acontecer, vai acontecer. E, eu espero que seja bom, mas também se não acontecer, não queria que isso se tornasse um sofrimento, sabe? Para mim, tipo, ai, nunca casei e tal.

Não quero ser essa pessoa que é aquela coitadinha, e tem muito do estigma, né? Ah, velho, mas será que às vezes nem até melhor ficar pra tia? Eu nunca quis ter filho, eu não quero ter filho. Então também não é uma coisa que esteja nos meus planos, não é isso. Assim, se acontecer bem, se não acontecer também OK.

E assim ter essa Liberdade sexual. E por mais que as relações sejam muito efêmeras, né? E, sejam muito assim. É tudo muito nada, né? É tudo, é tudo nada. Assim você só transa e tal. Mas Ah, é divertido às vezes e meio que me deixa mais tranquila com isso, sabe?

Tipo, ai, OK, tem uma Liberdade sexual, consigo transar com o que eu quero, e é isso. Vou vivendo assim. Não necessariamente preciso estar no relacionamento, essas coisas.

Claudia não se sente que precisa aceitar nada em nome desse amor idealizado, ela sustenta a própria liberdade, em vez de se submeter as imposições feitas a ela por esses homens, ela constrói sua própria jornada, ao não trair a si mesma, se colocando em situações que lhe causem mal; ao mesmo tempo, ela não é uma celibatária, na verdade, não mais, porque ela já o fora, quando sentia tanta vergonha de si, e medo de tentar, que isso a impedia de viver os afetos e prazeres. Ela precisou aceitar a si mesma enquanto mulher negra e gorda para garantir sua liberdade sexual e individual nas relações, sem que isso lhe trouxesse angústia, mas que fosse uma expressão de cuidado consigo mesma, de priorizar seu prazer e seu desejo.

Relata ainda que outra questão importante, quando pensa num possível parceiro para seu futuro amoroso é a questão do posicionamento político, e também o que ela chama de imaturidade nos homens com quem ela se relaciona, diz não aceitar ser colocada em função materna dos homens. Não se vê jamais com alguém que não tenha um senso crítico semelhante, ora, aqui, ela é quem dá as regras no jogo dos relacionamentos.

Claudia

Eu tenho um problema, porque eu preciso mesmo conversar com uma pessoa que tem um pensamento minimamente político alinhado ao meu. Não dá para você conversar com uma pessoa que tem uma visão de mundo completamente diferente da minha, eu não consigo, e pra mim tudo é político. E a partir do momento em que eu me relaciono com uma pessoa que não acredita nisso, eu acho que a gente vai ter problemas. Vai ter problemas porque, enfim, eu sou um sujeito político. Eu faço alguns embates no meu trabalho, eu tenho embates na minha vida pessoal. Se eu não tiver uma pessoa que entenda bem isso, essa pessoa que ela vai ter uma limitação na minha vida.

A única dificuldade é porque eu me relaciono com homem. Essa é a minha dificuldade, porque a é isso que eu te disse, ou são meninos querendo mães substitutas, ou são quarentões em adolescência tardia.

E é muito difícil, porque as pessoas não têm responsabilidade afetiva e dão ghost², acham que você está emocionada, e não lhe respondem mais. Sabe umas coisas assim, tão nada a ver, tão, tão imaturo, tão infantil. É só você dizer, gente, qual o

² Gíria para o sumiço, sem razão, explicação, ou aviso prévio de um parceiro(a,e) afetivo/sexual

problema você dizer que você não quer nada com aquela pessoa? Não, você prefere sumir e evitar esse enfrentamento, que não é um enfrentamento, é só uma honestidade.

Eu sou muito honesta. Se eu gostei de ficar com a pessoa, eu vou dizer que eu gostei e eu vou dizer que quero de novo. Eu vejo uma dificuldade muito grande das pessoas receberem isso, porque eu acho que todo mundo está acostumado a jogo de relacionamento.

Sabe brincadeiras assim de tipo? Some e volta, depois some. Aparece depois de 3 dias inventando uma desculpa esfarrapada. Não tenho a menor paciência para isso. Sem saco pra isso.

Eu gosto das coisas claras, porque eu não tenho tempo pra brincadeira, pra joguinho de quem tá menos desinteressado. Sou emocionada e eu digo mesmo, se eu gostar eu vou falar gostei.

Se eu não gostei vou dizer, olha, meu amor, sinto muito mas não rolou. Segue sua vida, e eu a minha. Então eu tenho dificuldade muito grande.

Escolhe viver relações passageiras para não se sujeitar a relações que não lhe fazem bem, que irão exigir dela muito mais do que possa fazer. Ela retirou a centralidade do relacionamento de sua vida, e se colocou neste lugar de centralidade, o que pode tê-la feito perder alguma oportunidade com algum homem, mas a fez resguardar seu amor por si mesma, sem que um homem precise reiterar seu valor, ou atestá-lo através de um relacionamento. Mas, ainda assim, Claudia sabe que sua liberdade é na verdade uma conquista, e que ainda luta por ela diariamente.

Por mais que Claudia tenha fundado para si, meios de defesa, e modos de proceder que garantem alguma estabilidade, no sentido de ela seguir se relacionando, apesar de não se fixar com ninguém em específico, Claudia não se sente livre das determinações sexuais da cultura.

Claudia

Agora eu brinco muito que eu estava dizendo que a pessoa gostosa, é uma energia de gostosa, né? Porque não é gostosa, você tem energia de gostoso; e demorei muito para me sentir desse jeito. Apesar de muitas pessoas, meus amigos, sempre fortalecem minha autoestima e tal. Mas eu demorei muito, principalmente por causa dos relacionamentos que eu tive. Tive muitos relacionamentos...É, em que eu fui tratada como se eu não fosse nada, como se a pessoa tivesse comigo por pena, sabe? Tipo, já tive com pessoas como se a pessoa tivesse transando comigo por caridade. Eu disse, cara, não, não preciso disso, de ter relacionamento de pessoas que queriam estar comigo escondido, que só me beijava escondido.

Até meu próprio relacionamento que de dessas micro coisas, assim de “ai só queria que você emagrecesse um pouco ai mas você devia deixar seu cabelo desse jeito” e tal. Então assim eu passei muito tempo.

Minha avó, minha mãe, eu tive uma relação assim da minha família, de reforçar muito isso, de que eu sempre estava precisando mudar. Eu sempre preciso mudar alguma coisa. Ou eu preciso emagrecer, ou eu preciso malhar alguma coisa, ou eu preciso deixar o cabelo de tal jeito, ou eu preciso mudar meu jeito de falar, porque eu sou muito machuda.

Assim, de uns 2,3 anos para cá, graças à minha terapia. (risos)

Eu comecei a entender mesmo de que o meu corpo é meu, de que o meu corpo, a única pessoa que pode falar do meu corpo, que pode julgar alguma coisa, sou eu mesma. E que eu tenho que ter cuidado e carinho e gentileza, meu cuidado com o meu corpo na forma como eu me enxergo.

Tenho me relacionado com mais pessoas assim, eu tenho conhecido mais pessoas e eu achei o cara no aplicativo. Ai, ele não queria ficar comigo, mas queria passar aqui para transar comigo. Porque ele estava com um tempo, que estava indo resolver uma coisa, e queria passar aqui; e aí eu fico pensando, “meu amor, não é assim, não está doido, não”. “Não; quero ir aí porque é rápido e tal”. Exatamente porque é rápido. Eu mereço tempo de qualidade, atenção. Não é porque é um sexo casual que você vai vim, só aqui me comer e vai se embora. Não, não quero.(...)

Só que eu fico tentando fazer esse exercício de me olhar com gentileza de olhos, de me olhar fora desses padrões, assim, desse padrão que me traz sofrimento, porque eu não sou x. Porque eu não sou desse jeito, mas eu deveria ser; de pouco tempo para cá eu venho me entendendo assim, de tipo, cara, é isso, sou gostosa mesmo, sou gostosa mesmo, sou uma pessoa massa, sou inteligente, sou desenrolada, Ah, porque é machuda, sou! foda-se, estou nem aí que não quer se relacionar comigo, posso fazer nada, mas eu tenho tentado trabalhar muito isso assim de ter mais autoestima, né?

Claudia nos comenta sobre seu processo de autoestima, no sentido de se olhar de maneira mais generosa para si mesma, sem dar tanta importância ao padrão de beleza, reconhece seu valor independente das opiniões que lhe disseram o contrário. Notamos que é também essa autoestima que ela tenta proteger, que sustenta sua posição de poder de si e do seu corpo, não permitindo estar em situações que a causem desconforto. Quando de seu processo terapêutico, havia uma crença muito forte em Claudia, da veracidade dos ideais de beleza e felicidade conjugal, que ouvia como recriminações, especialmente de sua mãe e de sua avó; nesse discurso Claudia era sempre apontada por sua “má aparência”; sob a ameaça de jamais conseguir ser feliz se esse ideal não fosse alcançado. E quando ela passou a “enegrecer” sua imagem, através de tranças e adereços que remetem à sua identidade de mulher negra, ela era ainda mais criticada pela família. Porém, esta recriminação já não tinha mais o poder que teve na sua infância.

3 PRINCIPAIS RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram planejadas em três temas principais: História de vida; Gênero e sexualidade e por fim as questões de Raça e identidade. Nos três temas haviam perguntas sobre relacionamentos amorosos, e a ideia era que elas mobilizassem o tema de relacionamentos amorosos em múltiplos âmbitos de suas histórias. Ocorre que, no momento das entrevistas, ao fazer perguntas sobre a história de vida das mesmas, saltou à atenção o fato de que elas estavam relacionando as suas próprias experiências àquelas que observaram em sua infância, dos seus pais e cuidadores, ou de pessoas próximas, o que ampliava bastante o escopo de pesquisa, e envolvia temas como família, infância, religião, etc.

O caso de Claudia talvez seja o mais emblemático neste sentido, vê-se no início de sua exposição, um grau de sofrimento muito forte, que a mantinha na solidão e que chegou a

impedi-la de se relacionar por um longo período de dois anos, e que ao final de sua fala, parece ter se diluído bastante. A “nova Claudia” é uma mulher muito mais confiante, segura de si e das suas qualidades, que não aceita qualquer tipo de relação que soe violenta ou opressora para si. Os desafios não passaram, mas sua manutenção no estado de pesar, se modificou drasticamente.

Entre as causas desta mudança, apontamos os recursos buscados pela interlocutora afim de mudar sua condição, em vários sentidos: o conhecimento acerca do letramento racial, e do feminismo, apresentados a ela quando da graduação em Serviço social, foram de fundamental importância para uma retirada da posição de submissão que lhe era solicitada antes. A terapia também representa uma tentativa de cuidar de si, e não repetir o sofrimento no campo amoroso que observava nos relacionamentos das mulheres próximas. Poder estar numa terapia, com uma outra mulher negra, que compreende a dinâmica racial, e de gênero, também representa para ela um destes fatores, ter a confiança de compartilhar suas dores foi muito importante.

Claudia

Eu acho que eu acho que em tudo, porque primeiro que eu não, talvez as respostas seriam diferentes se eu não tivesse passado por você como psicanalista.

Talvez eu. Eu... Eu acho que eu já lhe disse uma vez que buscar uma psicanalista mais parecida comigo. Uma psicanalista que entendesse mais as minhas questões, principalmente de gênero, de raça, né? De corpos, de padrões me deixou muito à vontade.

E passar pelo processo que eu passei com você, especificamente me deu esse amadurecimento, então talvez se eu não tivesse passado pela análise com você nesses 2 anos, 3, quase 3 anos. Talvez não sei se eu teria virado tantas chaves e não ter talvez eu não teria percebido tudo isso. Então acho que minha autonomia construída assim, principalmente nessa questão de autoestima em relações, a autonomia de ser uma pessoa com mais liberdade sexual.

Passei por isso, assim, de ter passado por essa análise. Então você foi muito importante nessa construção desse processo e me sinto muito à vontade, por você ter me ajudado nisso, é muito, muito tranquilo para mim falar sobre isso.

Falar mesmo sobre o quanto que é difícil, se relacionar e procurar por perfil bom (de relação), e só enxergar padrões de relacionamentos violentos, e que vão deixar você sempre receosa com alguma coisa. Isto é muito difícil mesmo, acho que é isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Claudia não é uma mulher triste e solitária. Não que os conflitos e desafios que enfrenta no campo amoroso tenham arrefecido, os desafios permanecem iguais, mas Claudia é uma pessoa diferente. O sofrimento que havia antes, muito doído, por vezes paralisante, agora parece mais com uma força de resistência, confiança em si, percepção mais distante daquilo que imaginamos quando mencionamos a “solidão” da mulher negra.

Tal dado ressoa ainda, em pensarmos em quem tem o acesso a terapia, assim como Claudia, as outras interlocutoras são graduadas. E o ensino superior foi um divisor para todas elas, não apenas pela ascensão social que uma formação acadêmica pode proporcionar, mas no conteúdo formativo deste espaço, debates sobre gênero e raça, principalmente, foram muito importantes na criação de uma consciência social, o que inclusive, auxiliou bastante o processo terapêutico posterior, ainda que saber não seja suficiente para o sentir, saber é um bom começo.

Reitero que a terapia, infelizmente não irá salvar as mulheres negras do sofrimento, me parece ilusório que tenhamos isso como resposta, quando vivemos diariamente traumas e toda sorte de problemas sociais causados pela exploração destes corpos em uma sociedade marcada por séculos de escravidão. Mas, ter acesso a um atendimento em saúde mental que se preocupa com os marcadores sociais como gênero, raça e classe, pode fazer diferença na vida de muita gente.

Por fim, as famílias das interlocutoras, são famílias de mães-solo negras, trabalhadoras e periféricas; que também carregaram sobre os ombros, todo o peso de ocuparem seus lugares sociais. Os relatos da pesquisa dão conta de várias situações em que nessas condições de escassez e rejeição afetiva, os laços familiares também foram afetados. Observar que assim como Claudia, as outras interlocutoras da pesquisa pareciam tentar fugir dos “destinos de suas mães”, me pareceu um ponto muito importante. Quando as interlocutoras falam do contexto dos relacionamentos amorosos que viam em casa, ou de como eram tratadas pelas suas famílias, falam sobre como aprenderam a amar, a se relacionar, se comunicar com os outros; estão falando sobre como aprenderam a se ver no mundo também. E foi neste sentido que abordamos a família ao longo da exposição, de modo algum a família deve ser tomada como “culpada ou causadora” de algo, mas entender que um sujeito se faz num lar, com uma família, e com modelos que carregará consigo.

Como diz Bell Hooks, o amor é uma ação, uma decisão, mas que depende da forma como aprendemos a agir e pensar, em torno de nós mesmos e dos outros, aprendemos a amar quando somos amados e a odiar quando também somos odiados, e sair deste esquema, é uma decisão que envolve muitas operações de sentido complexas, se ver livre das determinações da sociedade requer coragem. (HOOKS, 2024)

REFERÊNCIAS

- BASTOS, B. R. (2024). O estatuto do heteropessimismo na cultura pop contemporânea: uma análise de Fleabeg. *Revista Logos*, pp. 104-119.
- GONZALEZ, L. (1983/2021). *Racismo e sexismo na cultura brasileira in Por um feminismo latino americano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- HOOKS, B. (2024). *Comunhão: A busca das mulheres pelo amor*. São Paulo: Elefante.
- KILOMBA, G. (2021). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- REIS, B., & BASTOS, D. K. (2023). Estudos críticos da heterossexualidade: uma introdução ao campo. *Corpo, gênero e sexualidades: memórias lutas e insurgências nas educações*, pp. 329-350.
- SERESIN, I. (9 de Outubro de 2019). On Heteropessimism. *The new Inquiry*.
- WITTIG, M. (1992/2022). *O pensamento hétero e outros ensaios*. São Paulo: Autêntica.
- ZANELLO, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.